

NINFOMANÍACA: UM FILME SOB A LENTE DA PSICANÁLISE

Juliana Aline Miranda do Canto*
Pedro Lucio Duarte de Paula**

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar o filme *Ninfomaníaca* sob a luz da psicanálise, especialmente, Joe a personagem principal. Sobre o filme, levanta-se o questionamento: qual a relação da ninfomania com o feminino na psicanálise? Para responder a pergunta teve como objetivo específico: descrever a sexualidade feminina em Freud e Lacan e analisar discursos presentes no filme. A metodologia foi baseada no estudo da iconografia através de recortes de excertos do filme, que foram analisados pela análise do discurso em Foucault. A análise dos dados permitiu compreender que a ninfomania opera como um significante que tenta recobrir a falta produzida pela castração e que embora a personagem demonstre repugnância pelo amor e o rejeita, a mulher passa pela via do amor, pois, para mulher, é mais importante ser amada que amar.

Palavras Chaves: Análise do discurso. Castração. Ninfomania. Psicanálise. Saber médico.

ABSTRACT

The proposal of this article is to analyze the film *Nymphomaniac* under psychoanalysis view, especially Joe, the main character. Regarding the film, comes the question: what is the relationship of nymphomania with the feminine in psychoanalysis? To answer the question there was an specific objective: to describe female sexuality in Freud and Lacan, and to analyze the discourses present in the film. The methodology was based on the study of the iconography through dialogues of the film which were analyzed by the discourse analysis of Foucault and linguistics. The analysis of the data allowed us to understand that the nymphomania operates as a signifier that tries to cover the lack produced by the castration, although the character has a contempt by loving affect and rejects it, it is impossible for a woman not loving through her life, because, for her, it is more important to be loved than to love.

Key words: Discourse Analysis. Castration. Nymphomania. Psychoanalysis. Medical knowledge.

1 INTRODUÇÃO

Entre os séculos XVIII e XX vários médicos como Krafft-Ebing, Pinel e Bienville no Tratado Sobre o Furor Uterino, deram explicações científicas diferentes sobre o que era a ninfomania, porém, compartilhavam em um aspecto comum: era uma doença localizada no útero, orgânica de ordem neurobiológica cujas fibras nervosas ligavam-se às cerebrais e tanto a causa quanto o tratamento eram de cunho moral. No século XX a ninfomania continuou sendo vista como uma doença neurobiológica, porém, admitiu-se que poderia ser de ordem emocional e psíquica, mas, pensava-se ser um distúrbio mental. No século XXI a noção de ninfomania não é mais neurobiológica e sim um mero comportamento sexual desvairado e imoral.

*Graduanda em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida (FCV), Sete Lagoas-MG.

E-mail: julianacanto10@hotmail.com

**Orientador do trabalho, Psicologia-Filosofia pela UFMG- Professor na (FCV).

E-mail: pedrolucioduarte@yahoo.com.br

Para esboçar o tema, escolheu-se o filme *Ninfomaníaca* (2013), de Lars Von Trier, para ser analisado sob a lente da psicanálise, em que inicia com a personagem Joe sendo encontrada pelo Sr. Seligman, para quem ela confessa ser ninfomaníaca e narra suas histórias de inúmeras relações sexuais. Mediante o filme e a pesquisa histórica sobre a ninfomania, indaga-se: qual a relação entre a ninfomania e o feminino na psicanálise? Para buscar esta resposta, foi necessário descrever a sexualidade feminina na psicanálise, que, para Freud era parte do masculino e a diferença anatômica não é determinante como aponta a ciência. Lacan, por sua vez, a descreve proveniente da função fálica que opera de acordo como o homem e a mulher se submetem ao falo, sugerindo que o gozo da mulher está além do campo representativo. (BONFIM, 2014).

Apesar de raros estudos sobre a ninfomania, não se reduz esta pesquisa à produção de mais um artigo, mas, justifica-se com o intuito de incitar uma discussão teórica sobre a sexualidade feminina como algo que não está pronto, mas, em construção, ainda que Freud tenha sido o precursor deste estudo que Lacan aprimorou, não se deu por completo. As teorias não estão fechadas sobre o feminino, e partindo disto, observa-se uma amplitude que precisa ser discutida para continuar a investigação iniciada por Freud sobre o que quer uma mulher.

Para tanto, o objetivo geral é relacionar a ninfomania ao feminino na psicanálise e os específicos buscaram descrever a sexualidade feminina em Freud e Lacan, analisar os discursos presente no filme. Partiu-se do pressuposto que a ninfomania foi uma forma encontrada pela personagem Joe para recobrir a falta marcada pela castração e que opera também como um significante a fim de tamponar a falta.

A metodologia foi a partir de um estudo iconográfico do filme *Ninfomaníaca* em que se extraiu “recortes” de cenas verbais e não verbais analisadas por capítulos 1, 2 e 3, através da análise do discurso Foucaultiana. Para embasar a discussão, buscou-se as definições de sexualidade feminina em Freud e Lacan bem como a análise dos excertos, além de dissertações e artigos científicos que tratam o assunto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE HISTÓRICO DA NINFOMANIA E RECORTES DO FILME NINFOMANÍACA

A ninfomania pode ser vista a partir de perspectivas diferentes, desde a medicina até o senso comum. No olhar médico, era um infortúnio possuir tal doença orgânica e mortífera

localizada no útero e que possuía uma dinâmica com fibras internas, que, quando tensionadas com o coito, excitava a fibras cerebrais que estimulavam à ninfomania, que, poderia advir de comportamentos lascivos, leituras de romances, por uma paixão inalcançada ou infame. O tema foi um assunto abordado no Tratado Sobre o Furor Uterino pelo médico Bienville no século XVIII, e, apesar da impressão literária, descreveu minuciosamente o útero e sua relação com doenças no órgão feminino. A mulher diagnosticada como ninfomaníaca, estava à mercê da falta de compreensão do problema, era como se uma serpente venenosa morasse em seu útero, pronta para inocular seu veneno mortal, em que, nem solteira, casada ou viúva escaparia. O clitóris sediava os prazeres depravados e justificava o fulgor sexual na mulher, assim, a causa da ninfomania seria física, jamais psíquica. (BIENVILLE, 1783).

Na psiquiatria, não havia uma resposta razoável, mas, com seu poder discursivo e preponderante, normatizou e normalizou o corpo feminino a partir de condutas, valores e da condição maternal pela disposição anatômica para concepção, por isso, ser *bela¹, recatada e do lar*, “era” contemplado como modelo e regra às mulheres. Os desejos sexuais e intelectuais subjetivos, não importavam ou nem eram questionados, uma vez que o saber médico outorgou como ciência o conceito de como era uma mulher. (CUPELLO, FACCHINELLI, 2011). A neurologia, ao constatar nos exames pós-morte, anormalidades no útero ou ao notar um clitóris protuberante, confirmava a doença. A frenologia, respeitada ciência na época, acreditava que um cerebelo maior podia ser causa da ninfomania, entretanto, caiu por terra quando detectaram na autópsia de uma jovem considerada ninfomaníaca, a ausência do cerebelo. A ginecologia ainda não era reconhecida e permanecia neutra sobre as questões sexuais femininas. No senso comum, a ninfomania associava-se à imoralidade e atualmente é uma expressão pejorativa, uma forma de dizer que uma mulher gosta muito de sexo ou possui um comportamento vulgar, uma chacota entre os homens, reduzindo a historicidade científica do assunto. (BLEULER, 1960; GRONEMAN, 2001).

Quando uma mulher se sentia invadida por desejos voluptuosos, poderia ser indício da maldita doença uterina, pois, deduzia que ao estar fora do padrão moral ensinado de como deveria proceder a uma mulher, longe das conversas e fantasias obscenas, então, sentia-se sofrer do mal. Assim, ao procurar um médico que percebesse que suas expressões denotavam erotismo, a paciente estava fadada ao diagnóstico ninfomaníaco que, no pior estágio, levaria à

¹ Alusão à frase de uma reportagem da revista Veja (abril/2016) sobre Marcela Temer, esposa do Presidente do Brasil, Michel Temer. A frase viralizou nas redes sociais com diversas críticas, mobilizando feministas sobre um suposto ideal feminino sendo fomentado no machismo carregado na frase

morte, restando-lhe por recomendação médica, afastar-se dos vinhos, chocolates e até mesmo a casar-se para sanar o mal, além das receitas, aconselhava-lhe repouso absoluto, acompanhada por uma mulher de boa reputação que nunca tivesse sofrido desta moléstia. Por fim, tratava-se de uma vigilância moral feminina, em que, prescreviam-se regras e condutas para amenizar ou curar a ninfomania nas “infelizes” mulheres possuidoras da praga. (BIENVILLE, 1786). No entanto, como muitas mulheres que se identificaram fora do ideal estabelecido, portanto, “ninfomaniacas”, a personagem Joe do filme *Ninfomaniaca*, referência para este estudo, também incorpora esta nomenclatura na ficção ao afirmar “*Eu não sou como vocês [...] sou uma ninfomaniaca*”. (GRONEMAN, 2001; *NINFOMANIACA II*, 2013).

No filme *Ninfomaniaca*, a personagem Joe ao ser submetida involuntariamente à terapia diz “*você não passa de uma fiscal da moral social*”. A afirmação retrata como a perspectiva moralista sobre a ninfomania se faz presente no que tange o conhecimento de Joe sobre si, pois, sua conclusão foi contornada por um traço histórico precedente ao seu, que, perpassou décadas e ainda é marcado na sociedade contemporânea. Joe também se dizia “*uma viciada em luxúria*”, sua fala remete ao sistema religioso do século XIX que associava a ninfomania ao pecado da luxúria e se incumbia de regular a sexualidade, e, enquanto nos homens era um comportamento normal, às mulheres eram impostos padrões morais e a ninfomania era apontada como doença detectada sob a observação: se a mulher demonstrasse erotismo, flertasse com um homem ou apresentasse comportamento julgado promíscuo, era considerada ninfomaniaca e poderia ser submetida a banhos ácidos vaginais e em caso extremo, à cirurgia de cliteridectomia, que removia o clitóris. As mulheres identificadas com a “doença” eram vistas como insaciáveis por sexo, portanto, fora do padrão normativo social esperado, assim como Joe se descreveu “*Normalmente uma ninfomaniaca é vista como alguém que nunca se satisfaz*”. (FERREIRA, 2013; *NINFOMANIACA*, 2013).

Tanto a mulher ninfomaniaca quanto a contida, representavam papéis contrapostos e ao mesmo tempo, nocivos à moral social, pois, a primeira era vista como doente de concupiscências e uma ameaça contagiante à integridade das demais, além de corromper um desejo que devia ser vivido somente no casamento e a segunda, era rejeitada por não aceitar seu papel predestinado a procriar. Estes modos de subjetivação estavam totalmente fora da norma social e religiosa proposta às mulheres, que, desde jovens eram “adestradas” para serem do lar, boas mães, submissas e jamais dadas aos deleites ou à escolha por não serem mães ou independentes de algum homem, fosse o pai ou marido. (OLIVEIRA, 2013).

Retomando o histórico, ainda sobre o século XIX, momento importante a respeito das questões da loucura e do aprisionamento dos corpos, o psiquiatra Krafft-Ebing, descreveu a sexualidade e classificou psicopatias sexuais, portanto, a ninfomania associava-se à fraqueza genital e mental, à degeneração psíquica, à psicose ou similares a outras patologias clínicas. E, apesar de não indicar o casamento como cura para as excitações femininas, não deixou de mencionar que o tratamento para a enfermidade era moral. Diferente de Krafft Ebing, Pinel, recomendava o casamento para conter a ninfomania assim como na histeria, pois, considerava ambas pertencentes ao grupo das neuroses. (PEREIRA, 2012; SIMIÃO, 2015).

Enquanto do século XVIII ao XIX a ninfomania teve um caráter neurobiologista e ao mesmo tempo moralista, o século XX concebe-a como um dos sintomas da psique, o que difere da ótica anterior. As mulheres estariam “masculinizadas” com o sexo mais agressivo, assim como Joe se sente, “*vou direcionar toda minha teimosia, toda a minha força, minha agressividade masculina*”. Porém, na psiquiatria, a ninfomania estava sob a crença de ser um distúrbio mental, em que, as emoções, sentimentos e ansiedade passaram a compor os sintomas psíquicos, portanto, as expressões da sexualidade feminina eram patologizadas pelo saber médico. Por isso, as teorias e os discursos médicos atrelados à sexualidade subentendia-se qual lugar uma ninfomaníaca como Joe ocuparia “[...] *na sociedade não havia lugar para mim*”. (GRONEMAN, 2001; NINFOMANÍACA II, 2013).

Discorrido o breve histórico, compreende-se como a noção da sexualidade feminina foi construída por parâmetros biológicos e moralistas, pois, a medicina detinha o poder da ciência, assim, supunha saber o que era a ninfomania: uma doença maligna que acometia o útero e influenciava o comportamento moral de suas vítimas. Atualmente, em pleno século XXI a ninfomania não saiu do *enredo* discursivo da sexualidade feminina, seja no senso comum ou em forma de arte, que, incita ainda mais conhecer seu valor histórico.

Para apresentar a “versão contemporânea” deste tema, apoiou-se no filme *Ninfomaníaca* (2013), do autor Lars Von Trier, em que a personagem principal, Joe, intitula-se e narra sua própria história para o Sr. Seligman, que, após encontra-la agredida e deixada em um beco, amparando-a em sua casa e ouvindo-a, parece aproximar-se ao trabalho de um analista. Enquanto narra suas histórias sexuais, Joe se utiliza de metáforas e ilustrações para expressar diversas situações e de como se sentia naquele momento, por isso, Seligman dialogava na mesma linguagem discursiva de Joe que alerta: “*A história vai ser longa e de cunho moral*” e conta sobre sua primeira experiência com Jérôme (Je). Revela que “*como uma ninfa muito jovem eu precisava me livrar da minha virgindade*”, (Je) é por quem posteriormente

tem uma relação além da sexual, afetiva, porém, confusa, pela dificuldade que as questões do amor pareciam causar em Joe. Desde então, abriu-se as portas para diversos intercursos sexuais que encenavam sua busca por um gozo (psíquico) inalcançável, evitando sempre o amor. (NINFOMANÍACA I, 2013).

2.2 DESCRIÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA EM FREUD E LACAN

Ao longo da história a ciência médica limitou a sexualidade feminina ao biológico, enquadrando-a ao órgão sexual e ao aparelho reprodutor. Esta concepção “localizacional” trazia consigo um repertório prescrito de princípios normativos e morais indicados especialmente às mulheres, assim, calava-se a singularidade ao estabelecer um controle das expressões sexuais femininas. (MARTINS, 2014). Enquanto a ciência diferenciava a sexualidade anatomicamente, Freud (1931) ao descrevê-la, não ignorou que partes do aparelho sexual masculino se assemelhassem ao feminino, embora com um aspecto atrofiado. Esta observação permitiu compreender uma bissexualidade que parecia atuar no campo mental e concedia comportamentos femininos e masculinos sobre um mesmo indivíduo.

É impossível descrever a sexualidade sem perpassar pela fase infantil, em que, analistas verificaram que os impulsos sexuais nas meninas não eram mais agressivos nos meninos e que o prazer sentido no pênis não subestimava ao das meninas, que, o sentia em seu diminuto clitóris. A passagem para a feminilidade permitiu que o nível de importância do prazer clitoridiano se deslocasse para a vagina, e, esta mudança passa do paterno para outro objeto, diferente do menino, que, deu continuidade ao início de sua sexualidade, satisfazendo-se no mesmo órgão. O desenvolvimento sexual infantil é ambivalente concernente à sexualidade, ao amor materno e em como é necessário que os pares menino/menina concorram durante a construção do feminino. (FREUD, 1931).

O psiquismo se baseia sobre a ideia da diferença anatômica simbolizada no inconsciente, porém, não se identifica sobre as díades biológicas, menino-pênis, menina-vagina, contudo, o pênis é o órgão central organizador da sexualidade e possui valor simbólico. O menino dotado do pênis como objeto auto-erótico, ao perceber que a menina com quem brinca não o possui, é tomado pelo medo de perder o órgão e sente a ameaça da castração. Supõe-se que o masculino precede a concepção do que é o feminino, sendo o pênis o divisor da sexualidade, porém, não se trata de uma categoria biológica vagina/pênis que localiza o feminino, pois, fantasiosamente para as crianças, todos possuem pênis ou já possuíram, ou então, espera-se que cresça nas meninas, caso contrário, foram castradas, todavia,

imaginariamente, o pênis já fez parte da menina, é a primazia fálica, pois, a descoberta não foi da vagina e sim do pênis. (FREUD, 1931).

É mediante a fantasia de que alguns possuem pênis e outros não, que se instala o temor da castração nos meninos e nas meninas a “inveja do pênis”, que, são operadores da castração. Este último caracteriza-se pela menina subentender que teve o pênis retirado por sua mãe como castigo por causa de suas atividades masturbatórias ou porque lhe exigiu mais amor que lhe foi negado quando foi desmamada e retirada do seio, logo, a exigência da menina justifica a castração como uma punição de sua mãe. Por isso, ao perceber que o membro do menino é mais notável que seu pequeno órgão, a menina se sente inferior, é a “inveja do pênis”. Assim, o complexo da castração só pode ser compreendido sobre a primazia fálica, que estrutura a diferença entre menino e menina simbolicamente, portanto, é um marco na vida psíquica da menina, pois, é ele que a insere no complexo de Édipo. (FREUD, 1931). A castração como ferida narcísica faz com que a menina se sinta inferior ao menino, pois, na fase fálica o que predomina é o pênis e a diferença anatômica explica a castração. Enquanto a menina reivindica de sua mãe o pênis, a castração a impele ao complexo de Édipo, e, por outro lado, o menino é retirado dele pelo temor da castração.

Em contrapartida, a menina não pode ser ameaçada de perder o que não tem, restando-lhe buscar este objeto em outro lugar, no pai. Posteriormente, não o encontrando, vê na maternidade uma possível saída para encontrar o falo, portanto, a castração lhe proporciona migrar para o complexo de Édipo. Observa-se haver uma correlação entre o complexo de castração e o de Édipo, pois, têm o pênis como denominador comum e central na construção do feminino e do masculino, e, apesar de obterem desfechos diferentes pela singularidade de cada sujeito, não há como falar do feminino sem citar o masculino, assim como citar castração e não citar o complexo de Édipo. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1967).

O complexo de Édipo que referencia e alude à peça de Sófocles - Édipo Rei, em que, na trama, Édipo em busca da verdade sobre si, mata o pai (desavisadamente) e se casa com sua mãe (sem saber que era), a ambivalência, são de afetos mistos de amor e ódio, enigma e descoberta. Freud se utiliza do mito de Édipo que personifica tanto o amor incestuoso pela mãe quanto o legislador e proibidor do incesto como pai. Retomando aqui a castração, precursora do complexo de Édipo na menina, é compreensível verificar sentimentos de hostilidade da menina pela mãe, que, se antes a tinha como primeiro objeto de amor (seu seio) e como portadora do pênis, decepcionada por que a mãe não lhe deu e também não o possui, a menina se direciona ao pai supondo que este lhe dará o imaginado pênis. No entanto, não o obtendo e

ainda sob a esperança de alcançá-lo, deseja ter um filho do pai, assim, o bebê equivale ao falo, que é o objeto fantasiado pela criança. Deste modo, o investimento de amor da menina desloca-se da mãe para o pai e do pai para o bebê, sempre como busca pelo que lhe falta e que nunca existiu em seu corpo. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1967; QUINET, 2015).

O complexo de castração e de Édipo, por fim, delineiam o feminino em Freud, em que, no primeiro, a menina se abdicou do amor à mãe e recorre ao amor do pai, introduzindo-a no complexo de Édipo. A personagem Joe, por exemplo, aponta vestígios de como as fantasias da castração permaneceram instaladas, quando desde a infância sugere falas hostis contra sua mãe “*ela é uma vadia covarde idiota*” e quando sempre se dirige amorosamente a pai “*Eu amava muito meu pai*”. Mesmo que a menina busque no pai a possibilidade de ter um filho como substituto simbólico do pênis, no caso de Joe, ser mãe não sustentou esta hipótese. A maternidade seria a máxima fálica em Freud, porém, não houve muitos avanços neste ponto, entretanto, ele não hesitou que mais conhecimento sobre a mulher fosse galgado com o avanço da ciência ou entre os poetas. (BONFIM; COSTA; 2014; LYNCH, 2006).

O falo, por sua vez, é simbólico e não se pode reduzi-lo ao pênis anatômico, portanto, toma-se o cuidado de diferenciar esta tênue linha, pênis-falo, pois, mesmo que para a criança o medo é a perda factual do pênis, no desenvolver da sexualidade, esta constituição de ter e/ou perder coloca-se em nível simbólico, representacional. Para Laplanche e Pontalis (1967) o falo representa a imagem do órgão masculino e tem uma conotação simbólica. Em representações figurativas, o pênis era pintado ou moldado ereto, era um objeto venerado em cultos pagãos, simbolizando virilidade, poder, fecundidade e autoridade. O falo significa presença no menino e ausência na menina e a observação de que na menina falta algo, compreende uma realidade psíquica de ser constituída sobre a falta do falo, sobre ser faltante.

As observações lacanianas contribuíram dando outro sentido ao falo e o situa como um significante, um símbolo que opera mediante o desejo. Por isso, presume-se que se a mulher não tem o falo, decerto ela não possui um significante que a sustente, ao mesmo tempo, não possui-lo, leva-a a querer ser ou ter o falo. Como não há um representante para o sexo feminino no inconsciente, não há significante que nomeie a mulher, e, mediante isto, cabe a ela reinventar-se, pois, se estabelece como *não-toda*, já que não dispõe de um significante como o falo para representá-la como *toda-fálica*. (RABELAIS, 2012).

Lacan descreve a sexualidade advinda da função do falo de acordo como o homem e a mulher se sujeitam a ele: todo-fálico ou não-todo fálico, enquanto o homem se inscreve no primeiro, a mulher vivencia uma parte no gozo fálico, entretanto, a outra parte aloca-se no que

está para além do fálico, no inominável, foge a um significante que o represente. O que Lacan propôs, foi uma sexualidade além da formulada no Complexo de Édipo por Freud, o que não significa que ele tenha negado sua relevância, mas, que a construção da feminilidade ultrapassa os limites do Édipo, possibilitando que sua função se inscreva no todo-fálico e no não-todo fálico, em que, neste último, se posiciona a mulher. (COSTA, 2014).

É no todo-fálico que o homem está inscrito, e, se as mulheres nunca alcançaram o falo, nem pela via do pai, nem pela via de um bebê, é nisto também que se baseia a infinitude da mulher, pois, a incompletude é por não ter uma palavra que dê conta ou expresse o que é a mulher, portanto, ela não está absolutamente designada ao falo e isto a torna não-toda. Percebe-se que a releitura Lacaniana da sexualidade feminina em Freud, não se centrou no falo como referência primordial. (RAMOS, 2013). Não sendo o falo o significante mestre para designar a mulher, admite-se que ele não seja por si só suficiente, todavia, não se opõe que ele seja o significante que dá sentido e elabora a sexualidade descrita por Freud. O falo como significante, não recobre o que há de faltante e tenciona-se na mulher, recaindo sobre ela a condição de não-toda, demarcando e apontando o impossível, o inesgotável, o além do falo, pois, ele falha como significante para dar suporte ao que quer uma mulher, além disto, é inconsistente para sua organização sexual. A mulher está no surreal, na improbabilidade, situa-se no impossível por estar além do gozo fálico, está mais adiante do que a palavra possa defini-la ou que um significante possa instaurar em seu corpo. (BONFIM, 2014).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi feita através de um estudo iconográfico do filme *Ninfomaníaca I e II* (2013) em que foram feitos “recortes” de cenas com elementos verbais e não verbais. Segundo Panofsky (2011) a iconografia descreve, classifica, categoriza imagens e objetiva interpretar símbolos, conteúdos explícitos e implícitos, revela temporalidade, história, identifica traços sociais e o que a imagem representa em sua pura observação ou mediante significados a ela atribuídos. Os excertos do filme foram analisados por meio da linguística cujos enunciados, de acordo com Bahktin (2006), não se propagam e não se constroem sozinhos e são, portanto, de natureza sociológica e determinada por alguma ideologia. Além disto, o artigo se apropriou de palavras que referenciam ao escopo da criação de um filme, como por exemplo, *enredo*, *atores*, *script*, *capítulo*. O método escolhido para o tema foi o indutivo, pois, a comparação entre o fato e o fenômeno particular permite formular definições que poderão ser generalizadas. A pesquisa

foi de natureza qualitativa do tipo descritiva que estudou os dados (enunciados) selecionados e se aprofundou na análise e interpretação teórica para dar significado aos fenômenos elencados na pesquisa. (FREITAS; PRODANOV, 2013).

A análise foi realizada pela via da Análise do Discurso (AD) cujas categorias foram nomeadas e numeradas por capítulos 1, 2 e 3, similares às chamadas do filme. Para Foucault (1969/2008), a análise dos dados possui uma ordem que sustenta significados, cujas palavras e enunciados marcam uma época pelo qual o discurso se desdobra. A pesquisa bibliográfica também foi necessária para que não houvesse inconsistência no conteúdo e erros de compreensão, pois, apesar dos dados históricos serem imprescindíveis, se mal interpretados, comprometem tanto a análise quanto a fundamentação teórica do trabalho. (GIL, 2002). Para tanto, recorreu-se aos clássicos da psicanálise em Freud e Lacan, artigos acadêmicos, dissertações e teses de mestrados a partir de descritores que referenciam esta proposta.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para analisar os excertos do filme *Ninfomaníaca* que compõem o *corpus* deste artigo, buscou-se a análise do discurso (AD) como estruturador das narrativas, pois, assim como na produção de um filme, o *script* norteia o autor e os atores da trama com orientações a serem seguidas para sua execução, que, apesar de fictício, pretende ter um teor de verdade. Não é muito diferente do “*script*” histórico deste artigo, que, *enredou* o significado da ninfomania pelo qual incidiu, por décadas, um discurso médico moral sobre o corpo da mulher.

A análise do discurso habilita uma interpolação sobre o discurso histórico e ao mesmo tempo, tece em retalhos, o contemporâneo. Segundo Foucault (1970), o discurso tem uma coerência, possui um poder ordenado de acordo com leis e a escrita pode ser um jogo de palavras. Em *A ordem do Discurso* (1996), Foucault preferiu estar à mercê da palavra a tomá-la para si, com efeito, a sexualidade é um “lugar” que comporta o discurso do poder como implicitamente afirmou Joe “*A sexualidade é a força mais poderosa dos seres humanos*”, ou seja, mesmo quando o hiperônimo na frase universaliza o poder da sexualidade, o enunciado desvela um desejo individual, oculto ou manifesto que coaduna à ideia de Bakhtin (1999) sobre as generalizações, em que, o enunciador é influenciado pelas relações e posição social que ele ocupa, além disto, o enunciado está contextualizado em uma realidade. Contudo, criou-se categorias que foram analisadas, por capítulos, semelhante às divisões do filme.

4.1 CAPÍTULO 1: O DISCURSO MÉDICO MORAL

Os discursos se modificam a partir da temporalidade a que ele se submete, portanto, a funcionalidade que ele possui estará ligada à sua época, formas e estruturas de pensamentos ideológicos, em que, o pensamento individual não se isenta do social, pois, todo discurso individual entrelaça-se ao coletivo, especialmente contextualizado à história em que ele se insere. (FOUCAULT, 2008). A sutileza do poder está nas pequenas relações, em uma dialética entre dominado e dominador, nas palavras, na escrita, porém, inevitavelmente as forças criam resistências em seus contrapontos. Esta sutil dominação, estava implícita no discurso sobre a sexualidade e o corpo da mulher nos diversos *atores* da medicina que *encenaram* o referencial teórico desta pesquisa. Por exemplo, quando Bienville em 1783 formulou o Tratado Sobre o Furor Uterino, discorrendo nele suas convicções neurobiológicas e com suas receitas morais e preventivas do “mal”, estava nítido o poder discursivo médico moral que revelava “onde” se localizava a ninfomania, assim como era a única que detinha o poder de (des)cobrir sua essência imoral.

O retorno ao século XVIII não foi desprezioso neste *corpus* e sim intencional, pois, localiza a fala da personagem Joe no século XXI, imbuída de um discurso que tomou seu corpo, em dizeres que percorreram séculos e que ainda possuem sentido pejorativo, imoral e obsceno, como retratado na fala de Joe no excerto da cena de Ninfomaníaca II (01:09:50):

Compreendo que não somos e jamais seremos iguais [...], com certeza eu não sou como você com esta sua pretensa empatia que é falsa. Por que você não passa de uma fiscal da moral social. Cuja função apenas, é varrer minha obscenidade da face da terra para não deixar a burguesia se sentir enojada. Eu sou uma ninfomaníaca e eu me amo por ser deste jeito! Mas, acima de tudo eu amo minha vagina e a minha luxúria repugnante. (Fala de Joe para a psicoterapeuta de um grupo de viciadas em sexo no qual ela foi obrigada a participar).

A fala de Joe mostra sua indignação e ao usar a palavra “varrer”, revela nas entrelinhas que seu discurso não é puramente seu, como nenhum discurso é individualizado ou cristalizado, mas, suas palavras foram proferidas e possuem um discurso de cunho médico-higienista que separava delinquentes, loucos, histéricas e as que fossem ninfomaníacas. Seu comportamento era considerado lascivo e perigoso para outras mulheres da sociedade burguesa e se não fosse “varrida” poderia contaminar àquelas que se guardava de tais desejos indecoros. A frase de Joe permite a observação que mesmo que os fatos estejam desagregados e em um tempo anterior, a mensagem conseguiu ser emitida e é transmitida através do tempo como se demarcada

simbolicamente e ao ser enunciada remete às questões de domínio exercido pelo saber da medicina e a inspeção moral sobre a mulher. (FOUCAULT, 2008).

O discurso materializa, valida a palavra que demarca o corpo, pois, a medicina enquanto detentora de um saber hegemônico deu à ninfomania um estatuto de verdade, porém, consta-se a não subsistência deste discurso, que, ao passar do tempo tornou-se ilegítimo por outros discursos validados com respostas científicas do que de fato (não) havia no útero. (MACHADO, 2010). A verdade não é o contrário de mentira, porém, são os discursos que falseiam ou não os fatos, porque a verdade é uma produção discursiva embutida de poder que dita normas e regras que serão distintas dentro dos interdiscursos e apropriadas pelo sujeito em determinado momento. Portanto, a verdade sobre o útero ser morada da ninfomania e do mal feminino, foi provisória e possibilitou compreender que o corpo é marcado por acontecimentos que interagem com a história do e no sujeito, personifica, materializando a linguagem no corpo; “*meu nome é Joe e eu sou uma ninfomaniaca*”, fala de Joe repetidas vezes no filme. (FOUCAULT, 2008; NINFOMANÍACA, 2013).

O discurso médico categorizou a ninfomania como doença moral no Tratado do Furor Uterino de Bienville (1783) que “tratava”, se não, de uma higiene moral e não da subjetividade, assim, reduzia a amplitude da sexualidade feminina ao útero. O “Furo(r) Uterino” na “verdade médica” só foi tamponado em um discurso posterior e até que isso ocorresse, o conhecimento médico do fenômeno foi usado como mecanismo de controle da mulher e o corpo foi um *cenário* dirigido por este discurso, que, percorreu séculos e que mesmo respondido por outras ciências, expandido pela psicanálise, perdurou um traço de moralismo, ainda que os discursos se adequem às novas verdades. (FOUCAULT, 2008).

O discurso médico valida-se pelo poder através do saber do corpo, a doença “era” seu objeto e isso lhe dava domínio moral, pois, o diagnóstico consolidava a prática, por isso, ao invés de um “Tratado do Furor Uterino” deveria ser chamado de “Tratado do Furo Ulterior”. Assim, se trataria do ulterior, do subjetivo, do além do corpo, deixaria as “ninfas” falarem de si, no entanto, não seria conveniente ao saber médico dar-lhes voz abstendo-as de doença, pois, ao conhecerem sobre si, a voz de uma poderia ser uníssona à de várias “ninfas” dispostas a compreenderem sua sexualidade. Se o discurso médico universalizasse os saberes, *empoderariam*² ninfas como Joe: “*Eu descobri o meu poder como mulher e fiz uso dele sem me*

² A palavra “empoderariam”, não teve a pretensão de ser usada banalmente, ou, como tem sido usado frequentemente nos movimentos de mulheres, mas, como forma de dizer que o “poder” mencionado por Joe, incidiu sobre o conhecimento de seu próprio corpo.

preocupar com os outros e isto é totalmente inaceitável". O inaceitável seria o poder escorregar das mãos médicas, dando voz às mulheres, como Joe, pois, a pseudo-verdade sobre a ninfomania, conotava certo medo de que um "corpo de mulheres" criasse voz e escapasse ao controle moral da sociedade. É inegável que Seligman deu voz a Joe: "[...] *te contar minha história, como você insistiu ou permitiu, me aliviou muito*". Dar voz a uma mulher pode significar dar voz às várias mulheres, pois, segundo Foucault (200X) os discursos podem ser analisados a partir da similaridade entre um enunciado e outro, esta comparação permite fluir significados que as palavras e expressões não conseguem elaborar, permitindo a interpretação dos fatos enunciados, como no diálogo seguido entre (S) Seligman e (J) Joe:

(S) Polifonia é um fenômeno europeu. Se baseia na ideia que cada voz é sua própria melodia, mas, juntas, entram em harmonia". (J) Normalmente, uma ninfomaníaca é vista como alguém que nunca se satisfaz, por isso, faz sexo com várias pessoas diferentes. Mas, para ser honesta, eu vejo isso como a soma de todas as experiências sexuais diferentes, e, desta forma, eu tenho um amante apenas.

Esta narrativa revela como (J) Joe e (S) Seligman interagem dentro do discurso e o quanto Joe se apropria da linguagem e faz enlace ao discurso de (S), portanto, inserida ao discurso, (J) interpela, metaforiza e elabora sentidos para si a partir das falas de (S), utilizando-se de sua explicação para se identificar ao contexto, (J) usa o jogo de palavras e se inclui na "polifonia", que, traduzida por conjunto de vozes, interpreta a ninfomania como conjunto de várias experiências sexuais como se fosse eu um só amante, ou seja, (J) Joe não contabilizava amante, mas, experiências, "*Eu não precisava me preocupar com as relações individuais*".

Embora o Sr. Seligman pareça ter tido a pretensão de "tratar" de Joe ao recebê-la em sua casa, o quarto, a posição de Joe em relação à Seligman, o discurso de saber e o conhecimento proferido por ele, remontam uma cena clínica, colocando Joe em uma posição de paciente e de Seligman, médico, evocando ao mesmo saber e controle de outrora. Joe denuncia os furos no discurso de caráter religioso e de suposto saber de Seligman: "*Eu sou de fato, o melhor juiz a quem você daria sua história [...] sou virgem, sou inocente*", como se Joe fosse imunda e ele estivesse em outro patamar, mas, Joe "fura" seu discurso: "*Eu sou propensa a fazer buracos (furos) nos seus argumentos*". Sobre poder, verdade e corpo, não é o poder em si que opera as ciências, mas, a mecânica das relações pelos enunciados que (per)correm um ao outro, pois, as sociedades possuem discursos de verdades que se transformam com o tempo. O poder é dialético e pode fracassar porque sem o outro submetido a ele, não subsiste, pois, não há como reger poder discursivo sem quem o acate. Os fatos enunciados se cruzam e é através disto que

se abstraem novas verdades e há uma transição do lugar de poder, portanto, o poder não é só uma força, ele produz saberes, discursos, discussões e questionamento sobre as ideias, as ideologias. (FOUCAULT, 1976).

4.2 CAPÍTULO 2: O DISCURSO ENTRE JOE E SELIGMAN

Joe em sua busca sexual aponta para o gozo fálico no próprio ato, e, pressupondo ser castrada, interpreta um papel singular; o furo herdado pela castração. Seus atos sexuais se articulam a vários significantes que tentam recobrir a falta simbólica do falo, nos furos ditos pela via da linguagem: *“Preencha todos os meus (furos) buracos”*. A ninfomania como significante opera como forma de gozo e contorna a fala de Joe quando excede em seus atos, como um suporte para uma mulher que é não-toda fálica, incompleta, insaciável, que, cria uma forma de preencher a lacuna da falta. Os intercursos sexuais de Joe não a posicionam no todo-fálico, contudo, é a saída encontrada por ela, embora, no excesso que acaba trazendo-lhe sofrimento. (MILLER, 2016; NINFOMANÍACA, 2013).

Joe emite falas que se sobrepõem: *“Preencha todos os meus buracos”* - *“Era como se todo meu corpo estivesse cheio de solidão e lágrimas”*. Estes enunciados, em cenas diferentes, apontam como as unidades da fala se cruzam, e, embora as palavras, *“cheio e preencha”* pareçam contraditórias, elas têm um ponto de intersecção que, de acordo com Foucault (2008) organiza o discurso, portanto, tais coerências podem ser explícitas ou não, pois, a análise deve ser de uma palavra à outra, a fim de se extrair palavras suprimidas. Assim, o buraco pontuado nas falas, tanto quando ela pede para *preencher buracos* que em outro momento *“estão” cheios de solidão*, ainda que pareçam contraditórios, se correlacionam, pois, o que seria a solidão se não um vazio? É também um sutil pedido: dê-me o que falta.

De acordo com Foucault (2008), as unidades podem não ser imediatamente exibidas, mas, possuem significados que podem estar suprimidos dentro do texto ou enunciado, pois, uma obra não se revela espontaneamente, mas, pelos detalhes, pela história, e por aquilo que não foi explícito. Em princípio, o discurso parece estar neutro, porém, está repleto de acontecimentos que são destrinchados através da linguagem descrita nas unidades que a compõe. Sendo assim, a ninfomania foi o objeto discursivo entre Joe e Seligman e transitaram entre ideologias e fatos históricos construídos na linguagem, pelo qual ambos dialogaram. Contudo, para Foucault (2008), as unidades não se limitam somente ao dito, mas, ao que não foi dito, pois, não se pode dizer tudo ou qualquer coisa em qualquer tempo, por isso, nem sempre

os enunciados são claros, mas, embutidos por sentidos a serem interpretados, assim, como se supõe que o amor era uma coisa não dita, porém, esperada por Joe.

4.3 CAPÍTULO 3: O DISCURSO DO AMOR

Para Foucault (2008. pág. 28), “*esse não dito seria um vazio minando, do interior, tudo que se diz*”, portanto, é pertinente dizer que, ainda que nunca tenha declarado explicitamente, é nas entrelinhas de seus enunciados que se pode perceber que Joe desejava o amor. Permeada pela linguagem, Joe se apropriou de seu discurso “anti-amoroso”: “*O amor distorce as coisas, ou ainda pior, o amor é uma coisa que você nunca pediu [...] esse amor idiota. Eu me sentia humilhada por ele [...] esse sentimento desprezível*”. O discurso de Joe não era marcado somente por signos eróticos, mas, o amor desprezado e não dito, também compunha um fenômeno desejável por (J) Joe, como analisado nas sentenças abaixo, em um diálogo com (S) Seligman, referindo-se ao grupo *pequeno rebanho* criado pela amiga (B):

(J) Era um lance rebelde, não podia ter namorado. Nada de transar com o mesmo cara mais de uma vez. (S) Contra o que vocês se rebelavam? (J) O amor! A gente estava empenhada em combater a sociedade obcecada pelo amor. Eu acreditei mesmo no pequeno rebanho, mas, com o tempo, nem a mais forte poderia permanecer fiel ao manifesto. [...] Pra mim, o amor era só luxúria acrescido de ciúmes, todo o resto era pura bobagem.

Os excertos acima, sutilmente se contrapõem a outro: “*Eu tinha 15 anos e talvez minhas expectativas românticas femininas fossem um pouco altas*”. A contradição para Foucault (2008) reflete apenas a superfície, a partir disto, nota-se que em Joe havia expectativa amorosa, embora seja contraditório ter expectativa e desprezo, a análise do núcleo dos enunciados contraditórios, possui alguma coerência, mesmo que tenha causado caos em determinada ordem e vice-versa: (J) “*Uma mudança dramática começou a acontecer comigo. Eu vi uma espécie de ordem no caos. Estava tudo muito, muito errado. Obviamente eu me criticava por vê-lo (Jerôme) sob esta nova luz*”. (S) *O amor é cego!*

No entanto, o maior interesse não deve ser dissipar as contradições, porém, observar em que ponto as divergências produzem algum sentido, tais coerências nem sempre serão facilmente identificadas, mas, poderão ser representadas ou suprimidas. Contudo, amor e desprezo, *expectativa romântica* e *sentimento desprezível*, são contraposições que proporcionam formas diferentes de análise, são “*duas maneiras de formar enunciados*”. (FOUCAULT, pág. 173).

Contudo, enquanto o homem passa pelo desejo através do fetiche, a mulher, passará inevitavelmente pelo amor, pois, a mulher prefere mais ser amada a amar. A mulher goza no Outro para além dela, infinitamente, mas, para tentar efetuar este gozo fálico, ela o costura no amor como enlace para se satisfazer. O amor é pertencente à mulher, assim, pode-se dizer que Joe borda o gozo sexual no amor que ela tanto rejeita e esta é uma característica inseparável na construção da sexualidade feminina, pois, como disse a amiga de Joe (B): “*O ingrediente secreto do sexo é o amor*”. (FREUD, 1932; MILLER, 2016; NINFOMANÍACA, 2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, inspirada no filme *Ninfomaníaca*, se encaixou na inquietação do autor sobre o questionamento: qual a relação entre a ninfomania e o feminino na psicanálise? A ninfomania, na personagem Joe, portanto, relaciona-se ao feminino pela via do gozo fálico e ao mesmo tempo, pressupôs-se que é um significante que recobre a falta pela castração. Apesar da ideia inicial do filme de que a vida de Joe seja entorno do sexo, como não-toda, o sexo não a sustenta, o bebê não substituiu o falo, como pressupôs Freud. E, assim como a arte revela o inconsciente e retrata peculiaridades do sujeito, o filme serviu como referência para este artigo, pois, segundo Saer (2012), a ficção não deve ser criada com a intenção de iludir ou mascarar a verdade, mas, como forma de apreendê-la e representá-la, no entanto, ficção não é o contrário de verdade e sim uma elaboração narrativa de algo verificável, ainda que qualquer relato não seja retratado como se fosse estático e imutável.

Para analisar os dados, este estudo foi feito sob a análise do discurso em Foucault, que, possibilitou ler nas entrelinhas os sentidos encobertos, que não foram ditos por Joe, como, sua luta contra o amor, a forma de não individualizar as relações com os homens para evitar afetos, assim como contradições e discursos entre Joe e Seligman. Todavia, o trabalho limitou-se ao contexto iconográfico, impossibilitando um estudo clínico aprofundado, por isso, sugere-se aos pesquisadores, realizarem outros estudos abrangendo outros contextos

Enfim, esta pesquisa pretendeu ampliar o conhecimento sobre o feminino, que, se reinventa constantemente por estar além do falo e do que as palavras possam nomear. Permite observar que a sexualidade feminina é ampla e que a “lente” da psicanálise pode enxergar além das cenas eróticas de um filme. Implica em perceber que a sexualidade feminina ainda é interrogada sobre o que quer uma mulher, e, em vários aspectos. Cabe aos acadêmicos e à comunidade científica, construírem novas proposições, não com o intuito de tentar fechar o

questionamento, mas, proporem saídas para sujeitos diferentes, supondo que haverá demandas que se “atualizam” e exigem novos estudos e novas compreensões. Contudo, considera-se que, a demanda ainda é uma demanda de amor.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M; *Marxismo e Filosofia da Linguagem*; 12ª edição HUCITEC
- BIENVILLE, D.T. *Tratado Sobre o Furor Uterino*. Porto Alegre: L&PM, 1996. (1.ed, 1783 – Tradução de Lucia Leiria).
- BONFIM; F.; A. COSTA. *Um percurso sobre o falo na psicanálise: Primazia, Querela, Significante e objeto a*. Rio de Janeiro: Ágora v. XVII, nº 2, p. 229-245, Jul/Dez, 2014.
- BLEULER, E. *Demência Precoz, el grupo de las esquizofrenias*. Tradução de Daniel Wagner. Buenos Aires: Hormé, 1960.
- COSTA, A. *A psicanálise e o feminino: Novas Teorizações?* Belo horizonte, n.06, p.89-95, janeiro, 2014.
- CUPELLO, P.C; FACCHINETTI. *O processo diagnóstico das psicopatas do Hospital Nacional de Alienados: entre a fisiologia e os maus costumes (1903-1930)*. *Estud. pesqui. psicol.* [online]. 2011, vol.11, n.2 [citado 2017-06-09], pp. 697-718 .
- FERREIRA, Carolina B.C. *A emergência da adicção sexual, suas apropriações e as relações com a produção de campos profissionais*. *Sexualidade Saúde e Sociedade*. Campinas, n.14, p.284-318, agosto, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- _____. *A ordem do discurso*. 3ª ed. Tradução de Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 7ª edição. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves 2008.
- FREUD, S. *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise: Feminilidade*. Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. *O futuro de uma ilusão: Sexualidade Feminilidade*. Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. *Uma neurose infantil e Outros Trabalhos: Uma Criança é espancada*. Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. São Paulo: Atlas, 2002.
- GRONEMAN, Carol. *Ninfomania: história*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LYNCH, A.C.D. *A questão feminina na obra Freudiana: impasses e avanços de Freud com relação ao enigma da feminilidade.*

MACHADO, S. B; *A ideologia de Marx e o discurso de Foucault: convergências e distanciamentos.* Sociologias, Porto Alegre, ano 12, n 23, jan./abr. 2010, p. 46-7

MILLER, J. A. *Uma partilha sexual.* Opção Lacaniana Online nova série. Ano 7, nº 20, ISSN 2177-2673, Julho, 2016.

NINFOMANÍACA: Dirigido por Lars Von Trier. Dinamarca, Zentropa Entertainments, 2013. 2 DVD's (b04:01), Sonor. (dublado).

OLIVEIRA, C. *Higiene Matrimonial, Sexualidade de Modos de Subjetivação no Brasil do Século XIX (1847).*

PEREIRA, J.M. *Perversão e Condutas Violentas: Pedófilos e Molestadores.* Instituto de Psicologia Aplicada- Psicocriminalologia, 2012.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C.; *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.* Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

RABELAIS, G.W; *A devastação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino.* Dissertação de Mestrado – 2012. PUC RIO.
<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29070/29070>

RAMOS, F. *Todo fálico e não-todo: construções lacanianas sobre a sexuação.* Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro, nº 1, v.14, p.201-213, 2013.